

Esse (des)conhecido sujeito social: a produção acadêmica sobre a juventude das EFAs

 Júlio César de Almeida Pacheco¹,  Luiz Paulo Ribeiro²,  Maria Isabel Antunes-Rocha³

^{1, 2, 3} Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Departamento de Ciências Aplicadas à Educação - Faculdade de Educação. Avenida Pres. Antônio Carlos, 6627, Pampulha. Belo Horizonte - MG. Brasil.

Autor para correspondência/Author for correspondence: julio.almeidapacheco@gmail.com

RESUMO. Este artigo surgiu do interesse em investigar a juventude das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), uma vez que, a sociedade brasileira experimentou nas últimas décadas a afirmação da juventude como categoria política e destinatária de ações sociais. Se a juventude do meio rural sentiu também os impactos desse novo lugar político, nossa curiosidade recaiu sobre a produção acadêmica sobre este tema. Assim, foi realizada uma revisão sistemática de literatura empreendida na base de dados da Plataforma Scielo, com buscas delimitadas entre os anos de 2011 e 2021. Os dados foram tratados através de gráficos e tabelas descritivos. O conjunto temático das pesquisas indica a persistência de temas historicamente recorrentes, mas também apontam para a inserção de temas que acompanham as questões trazidas pela conquista do novo lugar político da categoria jovem e que foram potencializadas nos anos recentes. Contudo, a publicação da comunicação das pesquisas à sociedade não acontece em conformidade com a distribuição das experiências educativas das EFAs ao longo do território brasileiro. A superação desse desafio estrutural exige a retomada de processos sociais e políticos que vem sendo desmontados nos últimos anos.

Palavras-chave: juventude, juventude do campo, escola família agrícola, educação do campo.

This (un)known social person: academic production on EFA youth

ABSTRACT. The context of this article is the interest in investigating the youth of Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), since, in recent decades, Brazilian society has experienced the affirmation of youth as a political category and recipient of social actions. If rural youth also felt the impacts of this new political place, our curiosity fell on the academic production on the selected topic. To this end, a systematic literature review was carried out in the Scielo Platform database, with searches delimited between the years 2011 and 2021. The data were treated through descriptive graphs and tables. The thematic set of research indicates the persistence of historically recurring themes, but also points to the insertion of themes that accompany the issues brought about by the conquest of the new political place of the young category and that have been strengthened in recent years. However, the publication and, therefore, the communication of the researches to the society does not happen in accordance with the distribution of the educational experiences of the EFAs throughout the Brazilian territory. Overcoming this structural challenge requires the resumption of social and political processes that have been dismantled in recent years.

Keywords: youth, countryside youth, agricultural family school, rural education.

Este sujeto social (des)conocido: la producción académica sobre los jóvenes de las EFA

RESUMEN. El contexto de este artículo es el interés de investigar la juventud de las Escuelas Famílias Agrícolas (EFA), ya que, en las últimas décadas, la sociedad brasileña ha experimentado la afirmación de la juventud como categoría política y receptora de acciones sociales. Si la juventud rural también sintió los impactos de este nuevo lugar político, nuestra curiosidad recayó en la producción académica sobre el tema seleccionado. Para ello, se realizó una revisión sistemática de la literatura en la base de datos de la Plataforma Scielo, con búsquedas delimitadas entre los años 2011 y 2021. Los datos fueron tratados a través de gráficos descriptivos y tablas. El conjunto temático de la investigación indica la persistencia de temas históricamente recurrentes, pero también apunta a la inserción de temas que acompañan las cuestiones suscitadas por la conquista del nuevo lugar político de la categoría joven y que se han fortalecido en los últimos años. Sin embargo, la publicación y, por lo tanto, la comunicación de las investigaciones a la sociedad no ocurre de acuerdo con la distribución de las experiencias educativas de las EFA en todo el territorio brasileño. Superar este desafío estructural requiere retomar procesos sociales y políticos que se han desmantelado en los últimos años.

Palabras clave: juventud, juventud del campo, escuela de familia agrícola, educación de campo.

Introdução: juventude e juventude rural

A temática juventude ganhou relevância nas pesquisas acadêmicas das últimas décadas e se afirmou como categoria social e objeto de pesquisas científicas, como destinatária de políticas públicas, nos debates institucionais e na mídia (Abramo, 1997). Obviamente, as abordagens acerca da juventude tiveram diferentes perspectivas, mas vimos surgir, especialmente a partir dos anos 2000, um espaço maior e mais plural de debates sobre jovens em nossa sociedade (Dulci & Macedo, 2019).

Se é do século XVIII que se considera que houveram os primeiros esforços sociológicos de estudos sobre a juventude, as perspectivas de análises eram marcadas pela necessidade de integração dos jovens aos valores e regras sociais. Já no século XX, os estudos passam a considerar aspectos de natureza biológica na construção da personalidade jovem que, a partir de abordagens fenomenológicas, foram articulados à aspectos sociais objetivos (Tavares, 2012).

Na primeira metade do século XX, surgiram estudos que tratavam da juventude urbana como a combinação de padrões comportamentais e de papéis sexuais que configuravam uma “cultura juvenil” e definiam o grupo jovem tendo idade e geração como elementos prioritários de análise. A juventude era colocada, portanto, em oposição à vida adulta e à cultura hegemônica, mas mantinha uma construção homogênea da categoria porque não qualificavam as diferentes posições que os jovens ocupavam na pirâmide social. Na segunda metade do século XX passou-se a considerar novos elementos da dita “cultura juvenil”, tais quais o estilo, linguagens, diversão e lazer, mas as marcas do pertencimento de classe não puderam ser negligenciadas no contexto de uma sociedade com fortes desigualdades econômicas (Tavares, 2012).

Se o foco dos estudos permaneceu sobre a juventude pobre e das classes trabalhadoras, sua associação com a transgressão, com a rebeldia e com a delinquência também perdurou como uma condição intrínseca de faixa etária que demandava a tutela e intervenção sobre os sujeitos jovens para sua integração social. À noção da juventude como ameaça à ordem social adulta foi somada a necessidade de medidas educativas de controle e reajustes dos comportamentos desviantes. Quando não era tida como desviante, a juventude era representada como apática, desinteressada e incapaz de oferecer soluções reais ao sistema social (Abramo, 1997).

No Brasil, a partir dos anos de 1950, quando o país almejou sua modernização e industrialização capitalista, as relações com o mundo do trabalho e com a realidade

educacional do país impulsionaram novas dinâmicas nas identidades juvenis. Os setores das classes médias universitárias ganharam destaque nos estudos que estiveram associados aos movimentos estudantis de enfrentamento aos regimes autoritários da época. Esses estudos culminaram na permanência de uma caracterização desse grupo como idealista e sonhador, mas ineficiente e inconsequente para transformações sociais efetivas já que não sofriam as restrições objetivas impostas pelo sistema econômico e político do qual eram críticos. Por outro lado, a juventude das classes trabalhadoras que experimentavam, de fato, as restrições objetivas impostas pelo sistema econômico e político foi considerada incapaz de se organizar politicamente (Abramo, 1997).

Os anos de 1990 marcaram a ampliação das temáticas e abordagens sobre a juventude. Houve um aumento da visibilidade juvenil nas pesquisas porque nessa mesma época ocorreu uma atenção maior para esse grupo social nas políticas de Estado. No que pesa a interferência da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) nesse processo que catalisou nos planos intelectuais e políticos a reconfiguração da categoria juventude com enfoques que priorizaram questões como cidadania, violência e protagonismo juvenil, foram redefinidos os papéis da escola, da família e do mundo do trabalho e trazidas abordagens teórico-metodológica do contexto dos estudos culturais e das sociabilidades promovidas pelas culturas juvenis. Entretanto, era ainda ausente um esforço para considerar as experiências cotidianas dos sujeitos jovens, com recortes étnico-raciais, de gênero e classe, indispensáveis, especialmente, para a juventude pobre. Nesse sentido, os principais estudos permaneciam ainda atrelados à delinquência e medidas de sua reparação, reforçando a noção de juventude como desviante (Tavares, 2012).

O viés da juventude como problema, como fase transitória, carente de tutela para a coesão e integração aos padrões e comportamentos sociais perdurou até os anos iniciais do século XXI. Desse ponto se buscou uma definição do que seria considerado juventude. Ou seja, à medida que instituições como a UNESCO, Organização Mundial de Saúde (OMS), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ou órgãos de Estado passaram a considerar o jovem nos planejamentos e ações políticas, a caracterização com maior precisão de seu público foi uma necessidade. Conseqüentemente, também um conjunto maior de perspectivas de análise passa a acompanhar esse processo e novos elementos foram trazidos à pauta. Os critérios etários, físico-biológicos e de comportamentos psicológicos se fizeram marcantes, mas também abordagens culturais, identitárias, de autorrepresentação ou que

tratavam da condição juvenil puderam expressar a pluralidade da juventude e abrir espaço para o tratamento mais complexo dessa categoria (Weisheimer, 2005).

É importante considerar que o Brasil não teve uma tradição política em relação à juventude, nem no sentido de ter políticas públicas para esse grupo e nem de ter jovens como atores sociais com participação efetiva nas instâncias de decisão e ação política. A juventude aparecia nas pesquisas, na mídia ou na política como público-alvo, mas sob a perspectiva da tutela ou da contenção de problemas sociais associados ao grupo (Abramo, 1997). Entretanto, desde o início do século XXI, marcadamente com a ascensão dos governos de Lula e Dilma, ocorreu um ganho significativo quando analisamos a inserção da juventude nas pautas governamentais (Dulci & Macedo, 2019).

Como um marco legal e institucional importante nessa inserção política e também para a afirmação da juventude como categoria social houve, no ano de 2005, a criação da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem). Além disso, a aprovação da Emenda Constitucional 65 em 2010 inseriu o termo jovem na Constituição. A conquista institucional, representada pela criação de tais instâncias políticas e que se desdobraram em uma estrutura capilarizada nos governos estaduais e municipais, bem como no conjunto de políticas públicas voltadas para a juventude, alçou a categoria a um lugar inédito na sociedade brasileira. É claro que ponderações críticas a esse processo são cabíveis, mas é inegável a ampliação do espaço público da juventude.

A ampliação do espaço político da juventude trouxe consequências também no campo das pesquisas acadêmicas já que um conjunto maior de movimentações sociais passaram a acontecer, fruto das iniciativas políticas que o Brasil experimentou no período em questão. Em uma primeira fase de políticas de inclusão social houveram programas como o ProJovem, Agente Jovem, Saberes da Terra, Juventude Cidadã, ProJovem Campo, entre outros, que envolveram mais de um milhão de jovens no Brasil. Em uma segunda fase, na qual se buscou maior participação social da juventude ocorreram as Conferências Nacionais de Juventude e a consolidação de um marco legal próprio com o Estatuto da Juventude em 2013. Ou seja, toda essa movimentação repercutiu no tratamento da juventude como objeto de pesquisa e das temáticas sobre juventude a partir dos anos 2000.

Um contraponto importante e necessário é que essa juventude permaneceu timidamente privilegiada nas pesquisas e, de forma geral, aparece secundarizada em outras temáticas investigativas. Por exemplo, se fala da juventude do campo quando ela atravessa uma

pesquisa sobre sucessão rural ou sobre o ensino médio no meio rural sem que, necessariamente, a pesquisa tenha como objeto os jovens. Por outro lado, nas últimas décadas houve um aumento importante nas pesquisas sobre juventude do campo e, mesmo que ainda insuficientes, não perdemos de vistas o ganho relativo que esse aumento representa.

As pesquisas sobre a juventude rural estão concentradas nos anos a partir de 2000. Se entre 1990 e 2000 elas não representaram mais que 4 trabalhos por ano (Weisheimer, 2005), a partir de então, houve um aumento nas pesquisas representadas, de um lado, pela implementação de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento rural e da agricultura familiar (Martins, 2021) e, de outro, pelo maior interesse pela temática da juventude (Dulci & Macedo, 2019) que fazem dos anos 2000 um ponto de inflexão nas pesquisas sobre a juventude do campo.

A expressão desse aumento em números não é uma tarefa simples porque as produções que trazem essa quantificação estão dispersas. Os recortes tanto temporais quanto temáticos têm grande variação e impossibilitaram, para esse presente artigo, trazer uma quantificação precisa. Mas, quando tomamos as movimentações intensificadas nas duas últimas décadas que tratavam da juventude do campo, podemos inferir que, de fato, a juventude rural alcançou um outro patamar como sujeito político e científico. Daí que, são exemplos dessa ampliação o I Congresso Nacional da Juventude Rural organizado pela Pastoral da Juventude Rural (PJR) e pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), os Encontros de Juventude do Campo e da Cidade, organizados pelo MST, Acampamentos da Juventude da Agricultura Familiar, realizados pela Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf Sul), o Seminário do Programa Jovem Saber, conduzido pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), VI Campamento Latino-Americano de Jovens e o I Seminário da Juventude da Via Campesina, a Jornada Nacional do Jovem Rural, da Jornada (Inter) Nacional da Juventude Rural, eventos que aconteceram entre os anos de 2002 e 2015.

Houveram também projetos de pesquisas como o “Juventude rural: permanência no campo e reprodução social da agricultura familiar” realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) entre 2014 e 2017 ou o Estado da Arte realizado por Nilson Weisheimer e publicado em 2005 que demonstram a amplificação dos estudos sobre a juventude do campo. O conjunto dessas movimentações trouxe consigo também, pelo esforço das instâncias de governos, mas, fundamentalmente, dos movimentos sociais do campo, novas perspectivas de análises sobre o ser jovem do campo no Brasil. Em especial, e considerando

que a migração campo-cidade foi uma questão que atravessou a realidade juvenil do campo, surgiu o interesse pelo estudo da permanência dos jovens no campo ao invés de sua saída, o que representa uma mudança de perspectiva importante (Martins, 2021).

Essa mudança de perspectiva dialoga com as transformações sociais, políticas, culturais e econômicas que o Brasil experimentou nos governos de Lula e Dilma e possibilitaram o posicionamento da juventude rural como ator político de destaque. E se até então essa juventude era tratada como um grupo genérico que correspondia àqueles jovens que não estavam no espaço urbano, ao vinculá-los às novas configurações socioeconômicas, identitárias, com as particularidades regionais e com os novos espaços de participação política, também a juventude do campo passa a ser tratada por “juventudes”, já que se baseou no fato de que o campo é um território plural. Quer dizer, portanto, que é exigido uma reflexão sobre dois temas caros para o campo político e para o científico que são as juventudes e o rural (Martins, 2021).

Assumimos um recorte mais específico que é de refletir sobre a juventude das Escolas Famílias Agrícolas, uma vez que, se tratam de sujeitos jovens e inseridos no mundo rural brasileiro. Nesse sentido, o rural que trazemos para esse fim é, então, o da Educação do Campo. Ao falarmos em juventude das EFAs estamos nos referindo a sujeitos que participam das discussões de juventude e das quais trouxemos um panorama já apresentado nos parágrafos anteriores, mas que, em relação à condição como sujeitos do campo, estão inseridos nas movimentações promovidas pela Educação do Campo.

Para fins da discussão aqui proposta nos será suficiente dizer que a Educação do Campo é um movimento que, desde o final dos anos de 1990 marca a sociedade brasileira e foi historicamente protagonizada pelos movimentos sociais do campo. É a luta dos trabalhadores do campo pelo acesso à educação, reivindicando políticas públicas, mas também disputando diferentes lógicas de formulação e implementação dessas políticas na medida que propõe a construção de uma política educacional combinada com a luta pela Reforma Agrária, com o direito ao trabalho, à cultura, ao conhecimento, à soberania alimentar e ao território. Nessa intercessão, vincula a luta pela educação com um outro projeto de desenvolvimento e de país que tenha nos processos educacionais as marcas históricas dos sujeitos do campo e cujos processos pedagógicos estejam pautados pela realidade experienciadas por eles. É o ponto chave na relação da Educação do Campo com os movimentos sociais de trabalhadoras/es do campo. Nasceu, pois, de questões práticas sob uma perspectiva de emancipação e de vínculo a

um projeto político, social e histórico. Sendo assim, sua proposta pedagógica está inscrita na experiência da vida de seus sujeitos e em suas relações com o todo social (Caldart, 2012).

A Educação do Campo acompanhou também os processos políticos que aconteceram no Brasil e foi, inclusive, uma força social que afetou diretamente a construção de políticas voltadas para o campo brasileiro e, conseqüentemente, para sua juventude. Estando as EFAs relacionadas a tais debates, foram também alcançadas por esses processos. Elas formam uma rede de escolas distribuída amplamente pelo território nacional e que mobiliza milhares de pessoas pelo Brasil. Tendo participado desde os primeiros movimentos pela Educação do Campo no país, as EFAs têm relevância significativa quando tratamos das questões educacionais brasileiras, tanto pela sua organização didática e pedagógica, a exemplo da Pedagogia da Alternância, quanto pelo número expressivo de sujeitos que mobilizam.

A Pedagogia da Alternância, como uma proposta pedagógica que pretendeu conciliar diferentes tempos e espaços formativos constitutivos da experiência de vida rural e mediadas por fazeres educativos sistemáticos, surgiu nos anos de 1930 na França. Desde então, tal proposta passou por fases que levaram a sua reformulação e também à sua expansão para outros países. Como um ponto comum, ela surge da necessidade de pensar a educação dos jovens rurais, tendo como referência a realidade experienciada por eles e que, através de sua formação técnica, social e humana, permita a superação das carências impostas ao mundo rural e a possibilidade de alternativas de melhores condições de vida no campo. No Brasil, essa proposta chega nos anos de 1960, mas, em seu percurso histórico nessas terras, ela se aproxima dos movimentos sociais camponeses e cria outras perspectivas de formação da juventude rural brasileira. As Escolas Famílias Agrícolas no Brasil, portanto, vem imersas na história de expansão da Pedagogia da Alternância pelo mundo, mas se reconfiguram pela conexão com a realidade do campo brasileiro e nela evidenciam um conjunto de disputas que dizem sobre esse mesmo campo e suas tensões (Pacheco, 2016).

Nesse sentido é que a juventude das EFAs ganha aqui centralidade em nossa discussão. É necessário situar a juventude das EFAs dentro das discussões realizadas sobre as juventudes brasileiras. Então, a juventude das EFAs carrega as representações históricas de fase transitória e instável de vida, violenta ou desinteressada. Também estão localizadas sobre as representações do campo como espaço de ausências de direitos e oportunidades que, de fato, se expressam nas condições objetivas experimentadas pelas famílias trabalhadoras. Mas também a juventude das EFAs vivenciou o período de ampliação das políticas públicas e da

participação social nos primeiros 15 anos deste século XXI quando as juventudes do campo puderam conquistar maior presença nas agendas do Estado brasileiro.

Nesse ponto chegamos em uma lacuna teórica. Sendo a juventude das EFAs um grupo expressivo no cenário educacional do Brasil, ao procurarmos discussões que reflitam sobre quem é essa juventude e permitam um olhar para esses sujeitos com uma melhor caracterização, nos deparamos com a carência de publicações acadêmicas que tratem desses temas articuladamente. Por isso, o objetivo deste artigo é realizar um levantamento sobre as produções acadêmicas que abordam a juventude das Escolas Famílias Agrícolas e analisar os enfoques dados aos trabalhos encontrados sobre essa temática.

Método

O presente trabalho se constituiu em uma Revisão Sistemática de Literatura a partir de uma busca de artigos publicados entre os anos de 2011 e 2021 sobre a juventude das Escolas Famílias Agrícolas. Considerando que a plataforma SCIELO é uma importante base de acesso às publicações científicas e que é também um local em que os pesquisadores recorrem para encontrar as produções acadêmicas dos mais variados assuntos, a presença de trabalhos nela socializado nos serve aqui como parâmetro para observar a expressividade da temática das juventudes das EFAs nas pesquisas.

Nesse sentido, foram levantados trabalhos encontrados na Scielo a partir de buscas com os seguintes descritores: Escola Família Agrícola, Pedagogia da Alternância, juventude do campo, juventude rural, jovem do campo e jovem rural. A diversidade desses termos de buscas se justifica pelo fato de que, quando realizada a busca para os termos EFA e juventude associados, não foram obtidos resultados e, por isso, foi feita a busca por cada termo em separado e, dentro dos resultados assim apresentados, selecionados aqueles coincidentes com os interesses desse artigo. Ou seja, inserindo o termo “juventude das EFAs” para as buscas ou a tentativa de pesquisa por associação entre os termos “juventude” e “EFAs” ou “juventude” e “Escola Família Agrícola” não exibiram resultados na plataforma Scielo.

A consulta à plataforma foi realizada entre os dias 20 de abril de 2021 e o dia 29 de abril de 2021. Dos trabalhos encontrados foram lidos os resumos e registrados os títulos dos artigos, nomes de autores, ano das publicações, nome das revistas onde os artigos foram publicados, número do DOI, a universidade na qual os autores estão vinculados, a cidade de referência da revista e os temas que tratam os trabalhos.

Os resultados das buscas foram registrados em tabelas separadas pelos termos das buscas. Em seguida, os dados foram analisados e foram aplicados parâmetros observados nos trabalhos para orientar a discussão e apresentação dos dados. Tais parâmetros foram o conjunto temático dos artigos, os anos em que as publicações foram realizadas e as regiões da federação de onde eram as revistas que publicaram os artigos. Os resultados foram discutidos segundo as referências bibliográficas apresentados na primeira seção deste presente trabalho.

Apresentação e análise de dados

A provocação sugerida no título desse artigo de nomear a juventude das Escolas Famílias Agrícolas como um desconhecido sujeito social se justificou pelos obstáculos percebidos na procura por trabalhos acadêmicos que revelassem quem são os sujeitos jovens das EFAs. Por isso, os caminhos analíticos seguiram o sentido de observar quais foram os resultados das buscas que tratavam de temas nos quais, de alguma maneira, poderiam atravessar os sujeitos jovens e nelas encontrarmos informações sistemáticas sobre a juventude das EFAs.

O quadro 1 traz a lista com todos os artigos selecionados e ordenados pelo ano de publicação, mas indicando também os títulos, a autoria, temática e os termos de busca nos quais os artigos foram encontrados.

Quadro 01 - Artigos selecionados na plataforma Scielo.

Artigos selecionados na plataforma Scielo				
n.	Título	Autoria	Tema	Termo de busca
1	Mobilización social desde el protagonismo juvenil: experiencias de dos organizaciones rurales argentinas	Vommaro, P. (2011)	Organização social de jovens rurais na argentina	Juventude rural
2	Redes Sociais e Juventude Rural: apropriações de propostas de Comunicação para o desenvolvimento em redes globalizadas	Lima, N., & Santos, M. (2012)	Jovens do sertão do Ceará, redes sociais e as apropriações das propostas da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa	Juventude rural
3	Dilema de la juventud en territorios rurales de Colombia: ¿campo o ciudad?	Jurado, C., & Tobasura, I. (2012)	Projetos de vida e construção de identidade juvenis por jovens rurais	Juventude do campo, Juventude rural
4	Projetos profissionais de jovens universitários/as que residem no meio rural: estudo de caso dos/as jovens do município de Meleiros, SC	Casagrande, D., Giovana Ilka Jacinto Salvaro, G., & Estevam, D. (2012)	Projetos profissionais de jovens universitarios residentes no meio rural	Juventude do campo, Juventude rural
5	Imagens e concepções de adolescentes moradores de zonas rurais sobre saúde	Costa, A et al. (2013)	Concepções de adolescentes moradores de zonas	Jovem rural

			rurais sobre saúde	
6	Formação, sucessão e migração: trajetórias de duas gerações de agricultores do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais	Mendonça, K et al. (2013)	Processos migratórios, juventude e agricultura familiar	Juventude rural
7	A Juventude Rural do Assentamento Florestan Fernandes no Município de Florestópolis (PR)	Fernando Luis Martins Costa, F. & Ralisch, R. (2013)	Sucessão rural em um assentamento a partir das perspectivas de futuro	Juventude rural
8	Ruralidades atravessadas: jovens do meio campeiro e narrativas sobre o Eu e o(s) Outro(s) nas redes sociais	Adelman, M., César., C., & Pires, A. (2015)	Gênero e identidades entre jovens a partir de discursividades veiculadas em redes sociais	Juventude rural
9	A Formação de jovens do campo e o vínculo entre conhecimento, trabalho e educação: um estudo do Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak	Janata, N. (2015)	Formação de jovens do campo do MST	Juventude do campo, Juventude rural
10	Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida	Alves, M., & Dayrell, J. (2015)	Categorias juventude e projetos de vida a partir de jovens moradores da zona rural	Juventude do campo, Juventude rural
11	Transnacionalismo, juventude rural e a busca de reconhecimento	Alves, M., & Dayrell, J. (2015)	Migrações internacionais marcando a condição juvenil de jovens de um município rural de MG	Juventude do campo, Juventude rural
12	Dinâmica Temporal do Assentamento e os Projetos e os Projetos de Vida da Juventude Rural	Leandro Gomes Reis Lopes, L., & Carvalho, D. (2015)	Projetos de vida de jovens rurais de um assentamento do MST	Juventude do campo, Juventude rural
13	Nas armadilhas do desejo: privações e movimentos de jovens prostitutas em zonas rurais	Nascimento, S., & Garcia, L. (2015)	Prostituição feminina de jovens mulheres no interior da Paraíba	Juventude rural
14	Relações de gênero e ruralidades nos projetos vitais e noções de si de jovens mulheres	Pizzinato, A., Hamann, C., Machado, R., & Strey, M. (2015)	Projetos de vida e marcadores identitários de jovens mulheres do meio rural no RS	Juventude rural
15	Problematizando as Transições Juvenis na Saída do Ensino Médio	Laranjeira, D., Iriart, M., & Rodrigues, M. (2016)	Transições juvenis a agências socializadoras a partir de jovens do campo	Juventude rural, Jovem rural
16	Processos de escolarização de jovens rurais de Governador Valadares-MG: entre sonhos e frustrações	Alves, M., & Dayrell, J. (2016)	Condição juvenil e os projetos de vida de jovens estudantes do ensino médio, moradores de um município rural em MG	Juventude rural
17	Jovens mulheres do âmbito rural: gênero, projetos de vida e território em fotocomposições	Pizzinato, A., Hamann, C., Maracci-Cardoso, J., & Cezar, M. (2016)	Gênero e território como marcadores identitários de jovens mulheres de zonas rurais	Juventude rural
18	Jovens rurais e influências institucionais para a permanência no campo: um estudo de caso em uma cooperativa agropecuária do Triângulo Mineiro	Boessio, A., & Doula, S. (2016)	Incentivo das instituições cooperativa e família na permanência no meio rural de jovens filhos/as das	Juventude do campo

			famílias associadas	
19	Migração rural-urbana, juventude e ensino superior	Zago, N. (2016)	Movimento migratório para a cidade de filhos e filhas de pequenos produtores rurais	Juventude do campo, Juventude rural, Jovem do campo, Jovem rural
20	Políticas educacionais e juventude rural no ensino superior	Redin, E. (2017)	Análise de política pública de acesso ao ensino superior do Prouni para a juventude rural no RS	Juventude rural
21	Estrategias de sustento entre jóvenes del medio rural en el sur del Estado de México	Murguía-Salas, V. Hernández-Linares, C. & Moctezuma-Pérez, S. (2017)	Migração e caracterização da percepção da juventude de um município mexicano sobre futuro familiar e trabalho	Juventude rural
22	Juventude assentada e a identidade vinculada com a terra	Lopes, L., & Carvalho, D. (2017)	Construção de identidade vinculada à terra por jovens de assentamento do MST no PI	Juventude do campo, Juventude rural
23	Juventudes, Educação do Campo e Formação Técnica: um estudo de caso no IFMT	Senra, R., Sato, M., Mello, G., & Campos, A. (2017)	Formação e qualificação profissional de jovens do campo pela política Projovem campo: saberes e fazeres da terra	Juventude do campo, Juventude rural
24	Trabalho e educação entre jovens de 15 a 29 anos residentes no campo: desafios à ampliação da escolaridade	Santos, R. (2017)	Inserção no mundo do trabalho de jovens entre 15 e 29 anos de idade residentes no campo	Juventude do campo, Juventude rural
25	Inclusão dos jovens do campo no ensino superior: limites e possibilidades	Ramos, A., Turmena, L., & Nascimento, Z. (2017)	Inclusão da juventude do campo no Ensino Superior pelas Licenciaturas em Educação do Campo	Juventude do campo
26	Pedagogia da Alternância e(m) Etnodesenvolvimento: Realidade e desafios	Oliveira, A., Parente, F., & Domingues, W. (2017)	Implantação da Pedagogia da Alternância no Curso de Licenciatura e Bacharelado em Etnodesenvolvimento	Pedagogia da Alternância
27	Análise da instrumentação da ação pública a partir da teoria do ator-rede: tecnologia social e a educação no campo em Rondônia	Andrade, J., & Valadão, J. (2017)	Pedagogia da Alternância como instrumento de política em educação rural no estado de Rondônia	Pedagogia da Alternância
28	Bases sociotécnicas de uma tecnologia social: o transladar da Pedagogia da Alternância em Rondônia	Valadão, J., Neto, J., & Andrade, J. (2017)	Analisar a Pedagogia da Alternância nos dinâmicas e atores particulares do estado de Rondônia	Pedagogia da Alternância
29	Juventude feminina do meio rural: sentidos sobre educação e perspectivas sobre futuro	Pizzinato, A et al (2017)	Educação e perspectivas de futura para jovem mulheres do meio rural no RS	Juventude do Campo, Juventude Rural
30	A etnografia e suas contribuições para o desenvolvimento de uma pesquisa no Contexto de ensino da pedagogia da Alternância	Silva, C., & Gonçalves, A. (2018)	Etnografia para estudo da linguagem em uma EFA	Escola Família Agrícola, Pedagogia da Alternância
31	A Pedagogia da Alternância presente nos Projetos Político-Pedagógicos das Escolas Famílias Agrícolas do Tocantins	Vizolli, I., Helena Quirino Porto Aires, H., &	Pedagogia da Alternância, Projeto Político Pedagógico e instrumentos pedagógicos em uma EFA TO	Escola Família Agrícola, Pedagogia da Alternância

		Barreto, M. (2018)		
32	Temáticas, geografías y debates en el campo de la Pedagogia de la Alternancia	Miano, M., & Corro, E. (2018)	Produção teórica sobre Pedagogia da Alternância na Argentina com as diferenças e contradições existentes	Pedagogia da Alternância
33	Escolas do campo: um olhar sobre a legislação e práticas implementadas no ensino de física	Franciele Franco Dias, F., & Leonel, A. (2018)	Ensino de Física em escolas do campo	Pedagogia da Alternância
34	Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil	Troian, A., & Breitenbach, R. (2018)	Definição de jovens, juventude e jovem rural	Juventude do campo, Juventude rural
35	A produção das identidades/diferenças pela Pedagogia da Alternância no ceffa de Ji-paraná/ro	Valadão, A., & Backes, J. (2019)	Produção de identidades na Pedagogia da Alternância	Pedagogia da Alternância
36	Gênero caderno da realidade nas práticas educativas da Pedagogia da Alternância	Silva, C. (2019)	Análise do instrumento pedagógico Caderno da Realidade na Pedagogia da Alternância	Pedagogia da Alternância
37	Plano de formação, letramento e práticas educativas na pedagogia da alternância	Silva, C. (2020)	Plano de formação de uma EFA TO	Escola Família Agrícola, Pedagogia da Alternância, Jovem do campo, Jovem rural
38	Alternando professoralidades no campo: entre o passado e o presente, um estando professor-monitor em uma escola família agrícola	Oliveira, G., & Freixo, A. (2020)	Narrativas docentes em uma EFA BA	Escola Família Agrícola, Pedagogia da Alternância
39	Ensino de botânica e classificação biológica em uma escola família Agrícola: diálogo de saberes no campo	Silva, I., & Freixo, A. (2020)	Conhecimento botânico em uma EFA BA	Escola Família Agrícola
40	Licenciaturas em Educação do Campo nas ciências da natureza: um olhar para suas especificidades	Sául, T., & Muenchen, C. (2020)	Especificidades da Educação do Campo em relação à interdisciplinaridade dos cursos de Licenciatura em EdoC	Pedagogia da Alternância
41	Tempo e espaço: pontos de contato em gêneros discursivos na Pedagogia da Alternância	Silva, C. (2020)	Instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância	Pedagogia da Alternância
42	A divisão sexual do trabalho no campo sob a perspectiva da juventude camponesa	Schwendler, S. (2020)	Divisão sexual do trabalho entre jovens de um assentamento da reforma agrária	Juventude do campo, Juventude rural
43	Pronaf Jovem: as disjunções entre o ideal e o real	Marin, J. (2020)	Pronaf Jovem na construção social de uma juventude rural sucessora na agricultura familiar	Juventude rural, Jovem rural
44	Formação de Técnico em Agropecuária no Brasil e na Espanha: Projetos de vida da juventude rural	Pereira, J., & Souza, F. (2020)	Articulação entre gênero, educação técnico-profissional em Agropecuária e projetos de vida de moças e rapazes rurais	Juventude rural
45	Juventude rural e	Izquierdo, J.,	Sentidos atribuídos a	Juventude rural

	vivências da sexualidade	Paulo, M., & Santos, V. (2020)	vivências de sexualidade por jovens rurais	
46	Letramentos de jovens do campo: O que se revela na produção de vídeos	Machado, M., Carvalho, G., Novais, C., & Rodrigues, A. (2020)	Sociabilidade e circuitos comunicativos de jovens do campo e as práticas sociais de uso da leitura e da escrita	Juventude rural
47	Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG	Oliveira, M., Mendes, L., & van Herk Vasconcelos, A. (2020)	Permanência ou não de jovens em empreendimentos da agricultura familiar	Juventude rural, Jovem do campo, Jovem rural
48	Perfil e percepções de futuras educadoras do campo a partir do ingresso em Universidade Pública	Gislotti, L., Santos, D., Santos, C., & Silva, S. (2021)	Perfil de mulheres ingressantes em um Curso de Licenciatura em Educação do Campo no MS	Pedagogia da Alternância
49	Formação de educadores na interface educação superior – educação do campo: análise a partir da experiência na Unioeste	Silva, A., Campos, J., & Leite, V. (2021)	Graduações em alternância e a inserção e permanência de setores populares no ensino superior	Pedagogia da Alternância

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para uma visão geral dos artigos selecionados é trazido, a seguir, os números de resultados encontrados para cada um dos termos de buscas utilizados e, dentre eles, o número de artigos selecionados para a amostragem. A não seleção de alguns artigos se deu porque alguns resultados eram incoerentes com os termos quando indicavam pesquisas de outras áreas do conhecimento e que não tinham a ver com o interesse das buscas (Quadro 2).

Quadro 02 - números de resultados encontrados por cada termo de busca.

Número de resultados encontrados por cada termo de busca		
Termo de busca	Número geral de resultados	Número da artigos selecionados
Escola Família Agrícola	8	5
Pedagogia da Alternância	16	15
Juventude do campo	146	15
Juventude rural	43	30
Jovem rural	34	6
Jovem do campo	92	3

Fonte: Elaborado pelos autores.

A discrepância existente entre os resultados totais apresentados para as buscas em cada termo e aqueles que, de fato, condizem com o interesse da pesquisa se deve à desassociação entre os termos ligados aos sujeitos jovens com os relacionados ao universo camponês. Os resultados para as buscas não revelam imediatamente os trabalhos sobre esse grupo já que eles mostram artigos que estão relacionados a um ou outro termo separadamente. Se em Martins (2020) encontramos que o grupo de jovens moradores de áreas rurais é ainda pouco analisado

nas pesquisas acadêmicas, as dificuldades em localizar as pesquisas existentes pode se dever a tal fato. Uma possível demanda decorrente desse ponto, então, é a de utilização de marcadores mais precisos que facilitem o encontro das pesquisas nas plataformas, tais quais as palavras-chaves que possibilitem a visibilização desse tema de forma mais eficaz. Cabe justificar que a diferença percebida entre a lista dos artigos listados no quadro 1 e o somatório dos números de artigos selecionados na terceira coluna do quadro 2 se dá porque alguns artigos foram contabilizados repetidos para diferentes termos de busca. Ou seja, um mesmo artigo pode aparecer quando a pesquisa foi feita para diferentes termos, mas não foram registrados repetidamente. Contudo, na coluna "termo de busca" do quadro 1 mostra em quais termos o artigo aparece repetido.

Ao analisarmos separadamente cada um dos resultados obtidos para cada um dos termos, tem-se que resultados de buscas para o termo "Escola Família Agrícola" indicaram 5 artigos encontrados, a saber: Silva e Freixo (2020), Oliveira e Freixo (2020), Silva (2020), Vizolli, Aires e Barreto (2018) e Silva e Gonçalves (2018). Estes artigos tratavam de aspectos pertinentes ao cotidiano das escolas como a relação entre docentes e discentes ou de aspectos metodológicos ou das ferramentas didáticas propostas nessas escolas. As EFAs apareciam nos demais artigos como *locus* de desenvolvimento das pesquisas, sendo duas EFAs da Bahia (38 e 39), duas do Tocantins (31 e 37) e um artigo que tratava da Pedagogia da Alternância de forma mais geral (34). Nenhum artigo tinha a juventude como foco prioritário de pesquisa. A juventude das EFAs não foi tratada nos trabalhos como objeto de investigação e, mesmo quando atravessavam indiretamente as discussões realizadas, não era sobre os jovens que essas pesquisas tratavam.

Já sobre as buscas para o termo "Pedagogia da Alternância" foram exibidos 15 resultados (26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 47 e 48), entre os quais dois deles (31 e 37) já haviam aparecido para a busca do termo Escola Família Agrícola. Os resultados para a busca sobre trabalho que tratavam da Pedagogia da Alternância tiveram diferentes focos de análises. A maioria dos trabalhos abordavam temáticas discutidas a partir das Escolas Famílias Agrícolas sob aspectos das alternâncias dos espaços educativos nessa proposta pedagógica, questões identitárias ou das dimensões políticas e pedagógicas das escolas. Alguns trabalhos, quatro deles mais precisamente (26, 40, 47 e 48), abordavam a Pedagogia da Alternância no ensino superior com atenção especial para os cursos de Licenciatura em Educação do Campo. Cabe aqui considerar que esses cursos são frutos de políticas públicas recentes no Brasil e que também se desdobraram em objeto importante de

pesquisas na última década. Outros quatro trabalhos (27, 28, 32 e 41) diziam sobre a Pedagogia da Alternância de maneira mais geral, discutindo aspectos associados aos instrumentos pedagógicos, o mundo rural ou as origens históricas dessa concepção educativa. De todos os trabalhos também, nenhum deles tinham a juventude como tema principal de investigação.

Quanto às buscas foram direcionadas para o termo “Juventude do Campo”, os resultados apontaram 146 publicações (Porque deste ponto em diante, colocou o número geral de resultados e não o número de artigos selecionados como foi feito com os dois termos anteriores?. Houve um salto quantitativo para o número de trabalhos encontrados quando comparados com aqueles para os termos “Escola Família Agrícola” e “Pedagogia da Alternância”. Desassociar as buscas das EFAs e da Pedagogia da Alternância trouxe um número maior de resultados e a aproximação com os termos que remetem ao contexto jovem ou rural indica a maior robustez desses dois temas em relação aos dois primeiros. Isso pode ser considerado mais um indício novamente de que as pesquisas sobre as EFAs precisam encontrar mecanismos que lhes deem visibilidade nas plataformas e na comunicação dos debates.

Como foi relatado nas partes iniciais do presente texto que as pesquisas sobre juventude estiveram historicamente associadas à temas como delinquência, violência ou à medidas de intervenção social e socioeducativas, nas nossas buscas esses temas também tiveram maior destaque. Em seguida vieram pesquisas que faziam discussões teóricas e conceituais sobre juventude. Identidade e jovens universitários estiveram também entre temas encontrados, acompanhados por temáticas ligadas à gênero, trabalho, escolarização, políticas públicas e participação social. Além desses, saúde, religião e sexo também foram registrados.

Entretanto, de todos os resultados, apenas 15 deles (3, 4, 9, 10, 11, 12, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 29, 34, 42) estavam relacionados à realidade rural, mas nenhum deles se correlacionada às EFAs. Ou seja, a busca pelo termo “juventude do campo” indicou, em sua maioria, trabalhos relacionados apenas à juventude e aqueles que diziam sobre o território rural, não estiveram relacionados às Escolas Família Agrícolas. Entre esses 15 trabalhos que articulavam os dois campos do termo, as temáticas abordadas nas publicações foram também diversas, sendo que estudos sobre processos migratórios associados à juventude do campo tiveram destaque com três trabalhos encontrados (11, 18 e 19), além das temáticas relacionadas à formação profissional, trabalho e projetos de vida (4, 9, 10, 12, 23 e 24), à questões identitárias (3, 22) e de gênero (29 e 42). Foram encontrados também pesquisas que

tratavam sobre ensino superior ou que discorriam sobre Educação do Campo ou, ainda, que tinham os jovens do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra como foco.

Para os resultados da busca sob o termo “Juventude rural”, foram encontradas 43 publicações. Dessas, quando conferida a pertinência do resultado com a intenção da busca, separamos 30 trabalhos que, de fato, estavam relacionados ao tema em questão (1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 34, 42, 43, 44, 45, 46 e 47). Aqueles indicados pela busca que não tratavam diretamente da juventude rural diziam somente sobre juventude, sem ser rural, ou diziam sobre o rural, sem ser sobre a juventude. Assim, houveram artigos sobre a juventude urbana, sobre parteiras em zona rural, sobre políticas públicas, mas que, em alguns casos, tinham sujeitos jovens apenas de maneira indireta. Alguns trabalhos encontrados nessa busca já haviam aparecido na busca pelo termo “Juventude do Campo”. Entretanto, novamente a presença de trabalhos que discorriam sobre as EFAs foi bastante restrita. Apenas um trabalho foi desenvolvido junto à essas escolas. No artigo em questão (46) a pesquisa envolvia a EFA de Araçuaí, município mineiro localizado no Vale do Jequitinhonha, e a temática da pesquisa foi sobre tecnologias digitais e letramento, trazendo a juventude da EFA como grupo participante dessa pesquisa.

Dos 30 trabalhos que tratavam da juventude rural, as temáticas abordadas foram também diversas. As que obtiveram maior destaque foram as relacionadas à formação técnica, projetos de vida, sucessão rural e trabalho que contabilizaram 16 publicações (3, 4, 6, 7, 9, 10, 12, 14, 16, 17, 21, 23, 24, 42, 43 e 44) sendo que, em alguns casos, os artigos abordavam apenas um desses temas separadamente e em outros casos havia uma articulação desses temas. O tema da migração campo-cidade e permanência no campo também teve destaque com quatro trabalhos registrados (11, 19, 21 e 47), bem como as discussões de gênero e produção de identidades (8, 13, 14, 17, 22, 42, 44 e 45). Houveram casos também em que essas discussões vieram atravessadas por outras temáticas como divisão sexual do trabalho, formação ou sexualidade. Outros temas como o uso de redes sociais, organização e protagonismo juvenil, políticas públicas, ensinos médio e superior também atravessaram algumas pesquisas. Contudo, a maior recorrência temática em discussões que passam pelo ser jovem e se constituir socialmente e pelos temas historicamente abordados para a juventude rural como a migração campo-cidade ou a permanência no campo endossam o argumento teórico de maior concentração das pesquisas nesse conjunto de temas.

Já as buscas realizadas pelo termo “Jovem do Campo” apresentaram 92 resultados. Destes, apenas 3 abordavam diretamente a temática da juventude rural e que já havia

aparecido em busca de outros termos (19, 37 e 47) sendo que, apenas um deles dizia sobre jovens das EFAs (37). Os demais trabalhos, repetindo um padrão percebido nas buscas com outros termos, tratavam de temáticas bastante diversas que, não necessariamente, agrupavam as duas palavras contidas no termo de busca. Ou seja, mesmo que pudessem trazer investigações sobre juventude ou sobre o campo no Brasil, não tinham a juventude do campo como foco prioritário. Sendo assim, os artigos em questão discorriam sobre violência, pobreza, programas governamentais para jovens, participação social, periferias urbanas, educação, políticas públicas, questões de gênero ou ligadas à área da saúde. Um número considerável dos resultados, contudo, não correspondiam (correspondia) a nenhuma das duas temáticas e, por isso, não foram analisados.

Para o termo “Jovem rural” houve também um grande número de resultados que não correspondiam a intenção da busca e outra parte que, mesmo que tangenciando a temática, se ligavam ao termo apenas indiretamente. Dos 34 resultados indicados na busca, apenas seis (5, 15, 19, 37, 43 e 47) tinham os jovens rurais como tema principal e, entre eles, um único dizia sobre os jovens das EFAs (37). Apenas um deles (5) ainda não havia aparecido como resultado para as buscar a partir dos demais termos.

O que notamos em relação ao parâmetro temático revelado nas buscas é, em primeiro lugar, a pluralidade dos temas abordados nas publicações. Se até o início dos anos 2000 a juventude experimentava uma condição de invisibilidade social e teórica (Weisheimer, 2005), o seu reconhecimento como categoria política permitiu a ampliação de sua teorização social (Dulci & Macedo, 2019). Os quase 8 milhões de jovens residentes nas áreas rurais brasileiras envolvem um público heterogêneo cuja história social e política teve diferentes fases que acompanharam os também diferentes contextos que a sociedade brasileira viveu (Martins, 2020). O impulso recebido a partir dos anos 2000, tanto pelo já citado processo de reconhecimento como categoria quanto pelas políticas públicas destinadas a tal grupo, fizeram ampliar os enfoques das pesquisas e as densidades analíticas que se aproximaram da diversidade jovem brasileira (Castro, 2016).

A associação da juventude à transgressão e ao desinteresse foram as pautas comuns nos estudos, bem como a pretensa necessidade de enquadramento dos sujeitos jovens aos padrões sociais (Abramo, 1997), mas também, quando tratavam especificamente da juventude rural, o enfoque sobre processos migratórios, de sucessão rural e aqueles ligados aos projetos profissionais que cobravam da juventude um planejamento de vida (Castro, 2009) seguiram sendo recorrentes. A persistência desses temas entre os artigos encontrados nas buscas

realizadas para esse artigo revela que tais discussões ainda não estão superadas e que são pertinentes à realidade atual.

O aparecimento de temáticas como os fatores que incidem sobre a permanência dos jovens no campo, as questões identitárias e aquelas que dizem sobre a presença de jovens rurais nos cursos superiores das universidades brasileiras confirmam a ampliação e a inserção de novos temas na pauta jovem nacional (Castro, 2016). Assim, notar a pluralidade temática dos artigos encontrados nas buscas realizadas para o presente trabalho reflete os muitos caminhos tomados pelas pesquisas sobre juventude e a complexificação do tema que foram favorecidos pelos novos cenários políticos nacionais. Os temas variados encontrados para os diferentes termos de buscas aqui utilizados reafirmam, portanto, esse argumento.

Ao observamos os anos em que as publicações tratadas nesse artigo foram realizadas é possível perceber um aumento dos trabalhos nos anos recentes. Tomando as publicações por ano para cada um dos termos buscados separadamente, temos: na busca com o termo “Escola Família Agrícola” tivemos três trabalhos publicados em 2020 (37, 38 e 39) e dois em 2018 (31 e 34); o termo “Pedagogia da Alternância” teve dois trabalhos em 2021 (48 e 49), quatro em 2020 (37, 38, 40 e 41), dois em 2019 (35 e 36), cinco em 2018 (30, 31, 32, 33 e 34) e três em 2017 (26, 27 e 28); “Juventude do campo” teve cinco em 2017 (22, 23, 24, 25 e 29) e quatro trabalhos publicados em 2015 (9, 10, 11 e 12); “Juventude rural” apresentou sete trabalhos publicados em 2015 (8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14), e em 2017 (20, 21, 22, 23, 24 e 29) e também seis em 2020 (42, 43, 44, 45, 46 e 47); “Jovem do campo” teve dois artigos (37 e 47) publicados no ano de 2020 e um (19) em 2016; já “Jovem rural” obteve um trabalho publicado em 2013 (5), dois em 2016 (15 e 19) e três em 2020 (37, 43 e 47). (

A observação dos dados aqui construídos e apresentados permite perceber um salto no número de pesquisas encontradas a partir do ano de 2015, mesmo que um decréscimo entre os anos de 2018 e 2019 também possa ser percebido. Fato curioso é que o ano de 2020 apresentou um número considerável de trabalhos publicados quando comparamos relativamente aos anos aqui levantados na plataforma Scielo e foi o único ano que apresentou trabalhos para todos os termos de buscas. Destaca-se também a relevância do termo “Juventude rural” como aquele com mais trabalhos encontrados e distribuídos ao longo de quase todos os anos levantados.

A conquista de espaços institucionais, legais, jurídicos, de espaços nas agendas governamentais fizeram ampliar o reconhecimento da juventude na realidade social do país, fruto de um processo que resiste a décadas na história política brasileira (Dulci., Macedo.

2019). As referidas autoras afirmam também que durante os governos dos presidentes Lula e Dilma houve a ampliação das políticas públicas destinadas à juventude e da movimentação nacional em torno desse tema, por exemplo, com as Conferências Nacionais de Juventude realizadas em 2008, 2011 e 2015. Castro (2016) reforça que a demarcação do espaço político da juventude é sentida também no âmbito acadêmico, não necessariamente pelo aumento absoluto do número de pesquisas feitas sobre o tema, mas também pela abertura temática, conforme já apresentamos anteriormente.

Em se tratando da juventude das áreas rurais, houve o fortalecimento da identidade jovem e também de seu reconhecimento enquanto sujeito que constitui a diversidade juvenil, especialmente entre a juventude rural participante dos movimentos sociais do campo (Castro, 2016). Ao analisar os primeiros 15 anos contados desde o início dos anos 2000, Castro (2016) mais uma vez nos escreve:

Nesse processo, tivemos uma primeira movimentação que abraçou a categoria analítica *juventude rural*, extremamente útil para a organização em espaços nacionais de representação e na disputa por políticas públicas para a organização das múltiplas identidades abarcadas nessa categoria. Com o avanço dos processos de visibilização da diversidade das populações do *campo*, das *águas* e das *florestas* – cada vez mais presentes como identidades específicas em conselhos de participação social e em outros espaços formais de representação –, as identidades políticas constituídas nos movimentos sociais aparecem de forma mais clara. (Castro, 2016, p. 200).

Entretanto, essa mesma autora não deixa de registrar os limites que cerceiam a autonomia e as possibilidades de escolhas da juventude rural que seguem privadas de direitos. Nas palavras da autora, “as possibilidades reais de escolarização, acesso a terra e à renda, muito valorizados como caminhos para a construção de autonomia, não estão ao alcance de muitos, mesmo após 14 anos dos governos Lula-Dilma” (Castro, 2016, p.200).

A mesma autora, em outro artigo de sua autoria, afirma a ainda restrita produção acadêmica sobre o tema no Brasil (Castro, 2009) e se aqui associamos a visibilidade política à teórica, as carências ainda experienciadas pelas populações jovens na vida social são refletidas nos estudos científicos. Mesmo com a ampliação dos estudos sobre juventudes nas últimas décadas e mesmo que a juventude rural tenha sentido essa ampliação, quando consideramos os obstáculos para encontrar os trabalhos que tratam da juventude das Escolas Famílias Agrícolas eles nos indicam uma fragilidade desse grupo específico. Se tomarmos o desmonte decorrente do golpe que depôs a presidente Dilma em 2016, a aumento percebido no número de publicações nos últimos anos assume um papel importante de registro das movimentações ocasionadas na sociedade brasileira nos anos em que as políticas públicas

para o campo e para a juventude estiveram em seu funcionamento mais potente. Assim, registrar em pesquisas acadêmicas tais processos torna-se uma ferramenta política e histórica imprescindível e de grande importância.

Considerações finais

A construção desse artigo que veio da opção em realizar um Estado da Arte sobre a juventude das Escolas Famílias Agrícolas se revelou desafiadora. Com o objetivo de analisar as produções acadêmicas dos últimos 10 anos encontrados na Plataforma Scielo sobre a temática da juventude das EFAs, esse trabalho esbarrou em obstáculos relacionados ao acesso às produções. Primeiro porque exigiu a busca através de diferentes termos para dar conta de alcançar os trabalhos publicados, o que pode revelar a necessidade de maiores cuidados em relação aos marcadores optados para os trabalhos nesse campo temático. Os pesquisadores que desenvolvem trabalhos com as EFAs e com a juventude do campo devem aprimorar os marcadores como, por exemplo, as palavras-chave para facilitar o encontro de seus trabalhos e dar maior visibilidade às suas pesquisas. De outra forma, seguirá sendo exigido um esforço de buscas que demanda vasculhar de maneira minuciosa uma extensa gama de publicações para encontrar aquelas relativas a tal tema. É nesse ponto que o objetivo inicial de analisar as publicações sobre a juventude das EFAs foi desviado para uma análise das dificuldades em encontrar os trabalhos sobre esse tema porque se fez necessária a utilização de uma gama de descritores para chegar às publicações sobre o tema em questão.

Considerando a expressividade que a Pedagogia da Alternância tem na história educacional brasileira, seja pelo grande número de escolas existentes que somam, aproximadamente 156 escolas (Lollato, 2021), pela sua territorialização por todo o território nacional, pelos seus mais de 50 anos de história no Brasil que alcançou, inclusive, uma relevância até mesmo no embasamento de políticas e arranjos metodológicos no ensino superior através dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo ou pelo grande número de jovens estudantes envolvidos no ensino médio e superior, esse tema merece conquistar maior destaque nas pesquisas.

As pesquisas sobre juventude, em decorrência do novo *status* conquistado por esse grupo como categoria social relevante nos debates públicos brasileiros nas últimas décadas, se tornaram mais expressivas em volume de pesquisas e ampliação temática, mas a juventude das EFAs carece de seguir nessa mesma tendência. Os jovens das EFAs são ainda pouco conhecidos e as questões referentes à sua realidade não estão conhecidas de maneira

satisfatória. E se a dificuldade em encontrar os trabalhos publicados, não pela sua ausência, mas porque não aparecem como temas principais em muitas pesquisas realizadas é uma lacuna que precisa ser resolvida, torna-se também uma seara que deve ser explorada diante da pluralidade temática que carrega.

Especialmente se aprofundarmos o entendimento de que as investigações científicas que tratam dos sujeitos jovens como interlocutores prioritários nas pesquisas são um caminho necessário de ser explorado e que tais sujeitos devem ser tratados como objetos primeiros e centrais, existe aqui uma potência para as pesquisas acadêmicas que envolvem questões valiosas para a sociedade, tais quais a juventude, o campo e os elementos que atravessam a realidade educacional brasileira. Ou seja, pesquisas sobre a juventude das EFAs no Brasil podem interagir com as questões sociais, culturais, econômicas e políticas de nossa sociedade e revelar aspectos de interesse coletivo.

Referências

Abramo, H. (1997). Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, (5, 6), 25-36.

Adelman, M., César, C., & Pires, A. (2015). Ruralidades atravessadas: jovens do meio campeiro e narrativas sobre o Eu e o(s) Outro(s) nas redes sociais. *Cadernos Pagu*, (44), 141-170.

Alves, M., & Dayrell, J. (2015). Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. *Educação e Pesquisa*, 41(2), 375-390. <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022015021851>

Alves, M., & Dayrell, J. (2015). Transnacionalismo, juventude rural e a busca de reconhecimento. *Educação e Pesquisa*, 41(nº especial), 1455-1471. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201508143396>

Alves, M., & Dayrell, J. (2016). Processos de escolarização de jovens rurais de Governador Valadares-MG: entre sonhos e frustrações. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. 97(247), 602-618. <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/286435911>

Andrade, J., & Valadão, J. (2017). Análise da instrumentação da ação pública a partir da teoria do ator-rede: tecnologia social e a educação no campo em Rondônia. *Revista de Administração Pública*, 51(3), 407-430. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7612153318>

Boessio, A., & Doula, S. (2016). Jovens rurais e influências institucionais para a permanência no campo: um estudo de caso em uma cooperativa agropecuária do Triângulo Mineiro. *Interações*, 17(3), 370-383. [http://dx.doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.3\(02\)](http://dx.doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.3(02))

Caldart, R. (2012). Educação do Campo. In Caldart, R., Pereira, I., Alentejano, P., Frigotto, G. (Orgs.). *Dicionário da Educação do Campo* (pp. 257-265). Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular.

Casagrande, D., Salvaro, G., & Estevam, D. (2012). Projetos profissionais de jovens universitários/as que residem no meio rural: estudo de caso dos/as jovens do município de Meleiro, SC. *Interações*, 13(2), 261-271.

Castro, E. (2009). Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 7(1), 179-208.

Castro, E. (2016). Juventude rural, do campo, das águas e das florestas: a primeira geração jovem dos movimentos sociais no Brasil e sua incidência nas políticas públicas de juventude. *Revista de Ciências Sociais*, (45), 193-212.

Costa, A et al. (2013). Imagens e concepções de adolescentes moradores de zonas rurais sobre saúde. *Caderno de Saúde Pública*, 29(8), 1675-1680. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00009913>

Costa, F., & Ralisch, R. (2013). A Juventude Rural do Assentamento Florestan Fernandes no Município de Florestópolis (PR). *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 51(3), 415-432.

Dias, F., & Leonel, A. (2018). Escolas do campo: um olhar sobre a legislação e práticas implementadas no ensino de física. *Revista Ensaio*, 20(e2874), 1-22. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172018200113>

Dulci, L., Macedo, S. (2019). Quando a juventude torna-se agenda governamental: reconhecimento político e direito a ter direitos nos governos Lula e Dilma. In Martin, L., Vitagliano, L. (Orgs.). *Juventude do Brasil* (pp. 117-139). São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo.

Gislotti, L., Santos, D., Santos, C., & Silva, S. (2021). Perfil e percepções de futuras educadoras do campo a partir do ingresso em Universidade Pública. *Educação e Pesquisa*, 47(e222383), 1-19. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147222383>

Izquierdo, J., Paulo, M., & Santos, V. (2020). Juventude rural e vivências da sexualidade. *História, Ciências, Saúde*, 27(4), 1265-1283. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702020000500013>

Janata, N. (2015). A formação de jovens do campo e o vínculo entre conhecimento, trabalho e educação: um estudo do Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak. *Educar em Revista*, (55), 111-127. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.39819>

Jurado, C., & Tobasura, I. (2012). Dilema de la juventud en territorios rurales de Colombia: ¿campo o ciudad?. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 10(1), 63-77.

Laranjeira, D., Iriart, M., & Rodrigues, M. (2016). Problematizando as Transições Juvenis na Saída do Ensino Médio. *Educação e Realidade*, 41(1), 117-133. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623656124>

Lima, N., & Santos, M. (2012). Redes Sociais e Juventude Rural: apropriações de propostas de Comunicação para o desenvolvimento em redes globalizadas. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 35(2), 225-246.

Lollato, S. (2021). *Entre a adaptação e a emancipação: uma análise dos ideais e práticas da Pedagogia da Alternância* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual Paulista/Araraquara, São Paulo.

Lopes, L., & Carvalho, D. (2015). Dinâmica Temporal do Assentamento e os Projetos de Vida da Juventude Rural. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 53(4), 571-588. <http://dx.doi.org/10.1590/1234-56781806-9479005304001>

Lopes, L., & Carvalho, D. (2017). Juventude assentada e a identidade vinculada com a terra. *Psicologia & Sociedade*, (29), 1-10. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29159034>

Machado, M., Carvalho, G., Novais, C., & Rodrigues, A. (2020). Letramentos de jovens do campo: o que se revela na produção de vídeos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 59(1), 151-172. <http://dx.doi.org/10.1590/010318135871115912020>

Marin, J. (2020). Pronaf Jovem: as disjunções entre o ideal e o real. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 58(2), 1-19. <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2020.187438>

Martins, L. (2021). Juventude rural no Brasil: referências para debate. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 29(1), 94-112. <https://doi.org/10.36920/esa-v29n1-7>

Mendonça, K., et al. (2013). Formação, sucessão e migração: trajetórias de duas gerações de agricultores do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 30(2), 445-463.

Miano, M., & Corro, E. (2018). Temáticas, geografías y debates en el campo de la Pedagogia de la Alternancia. *Revista de Investigación Educativa*, 27, 60-89.

Murguía-Salas, V., Hernández-Linares, C., & Moctezuma-Pérez, S. (2017). Estrategias de sustento entre jóvenes del medio rural en el sur del Estado de México. *Revista Aletheia*, 9(2), 156-171.

Nascimento, S., & Garcia, L. (2015). Nas armadilhas do desejo: privações e movimentos de jovens prostitutas em zonas rurais. *Caderno CRH*, 28(74), 383-396. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792015000200010>

Oliveira, A., Parente, F., & Domingues, W. (2017). Pedagogia da Alternância e(m) Etnodesenvolvimento: Realidade e desafios. *Educação & Realidade*, 42(4), 1545-1565. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623663216>

Oliveira, G., & Freixo, A. (2020). Alternando professoralidades no campo: entre o passado e o presente, um estar-sendo professor-monitor em uma escola família agrícola. *Educação em Revista*, 36(e216543), 1-21. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698216543>

Oliveira, M., Mendes, L., & van Herk Vasconcelos, A. (2020). Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 59(2), 1-19. <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.222727>

Pacheco, J. C. (2016). *Intensidades e conexões de um sujeito em sua trajetória na complexidade do movimento das escolas famílias agrícolas* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.

Pereira, J., & Souza, F. (2020). Formação de Técnico em Agropecuária no Brasil e na Espanha: Projetos de vida da juventude rural. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 58(4), 1-19. <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/1806-9479.2020.202404>

Pizzinato, A., Hamann, C., Machado, R., & Strey, M. (2015). Relações de gênero e ruralidade nos projetos vitais e noções de si de jovens mulheres. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), 247-255. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1484>

Pizzinato, A., Hamann, C., Maracci-Cardoso, J., & Cezar, M. (2016). Jovens mulheres do âmbito rural: gênero, projetos de vida e território em fotocomposições. *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 473-483. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p473>

Pizzinato, A., et al. (2017). Juventude feminina do meio rural: sentidos sobre educação e perspectivas sobre futuro. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(1), 41-51. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2017/02111066>

Ramos, A., Turmena, L., & Nascimento, Z. (2017). Inclusão dos jovens do campo no ensino superior: limites e possibilidades. *Educar em Revista*, (especial 3), 167-189. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.51044>

Redin, E. (2017). Políticas educacionais e juventude rural no ensino superior. *Educar em Revista*, (63), 237-252. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.44861>

Santos, R. (2017). Trabalho e educação entre jovens de 15 a 29 anos residentes no campo: desafios à ampliação da escolaridade. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 98(250), 596-623. <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.98i250.2982>

Sául, T., & Muenchen, C. (2020). Licenciaturas em Educação do Campo nas ciências da natureza: um olhar para suas especificidades. *Educação em Revista*, 36(e223382), 1-22. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698223382>

Senra, R., Sato, M., Mello, G., & Campos, A. (2017). Juventudes, Educação do Campo e Formação Técnica: um estudo de caso no IFMT. *Educação e Realidade*, 42(2), 605-626. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623655385>

Silva, A., Campos, J., & Leite, V. (2021). Formação de educadores na interface educação superior – educação do campo: análise a partir da experiência na Unioeste. *Educação em Revista*, 37(e229524), 1-23. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698229524>

Silva, C., & Gonçalves, A. (2018). A etnografia e suas contribuições para o desenvolvimento de uma pesquisa no Contexto de ensino da pedagogia da Alternância. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 57(1), 551-578. <http://dx.doi.org/10.1590/010318138651040333151>

Silva, C. (2019). Gênero caderno da realidade nas práticas educativas da Pedagogia da Alternância. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 58(3), 1051-1083. <http://dx.doi.org/10.1590/010318135477615832019>

Silva, C. (2020). Plano de formação, letramento e práticas educativas na pedagogia da alternância. *Educação e Pesquisa*, 46(e219182), 1-24. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046219182>

Silva, C. (2020). Tempo e espaço: pontos de contato em gêneros discursivos na Pedagogia da Alternância. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 20(1), 61-94. <http://orcid.org/0000-0001-6071-6711>

Silva, I., & Freixo, A. (2020). Ensino de botânica e classificação biológica em uma escola família Agrícola: diálogo de saberes no campo. *Revista Ensaio*, 22(e16334), 1-24. <http://dx.doi.org/10.1590/21172020210122>

Schwendler, S. (2020). A divisão sexual do trabalho no campo sob a perspectiva da juventude camponesa. *Revista Estudos Feministas*, 28(1), 1-14. <http://orcid.org/10.1590/1806-9584-2020v28n158051>

Tavares, B. (2012). Sociologia da Juventude: da juventude desviante ao protagonismo jovem da Unesco. *Sociedade e Cultura*, 15(1), 181-191.

Troian, A., & Breitenbach, R. (2018). Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. *Interações*, 19(4), 789-802. <http://dx.doi.org/10.20435/inter.v19i4.1768>

Valadão, J., Neto, J., & Andrade, J. (2017). Bases sociotécnicas de uma tecnologia social: o transladar da Pedagogia da Alternância em Rondônia. *Organizações e Sociedade*, 24(80), 89-114. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-9230805>

Valadão, A., & Backes, J. (2019). A produção das identidades/diferenças pela Pedagogia da Alternância no Ceffa de Ji-paraná/ro. *Psicologia e Sociedade*, 31(e188427). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31188427>

Vizolli, I., Aires, H., & Barreto, M. (2018). A Pedagogia da Alternância presente nos Projetos Político-Pedagógicos das Escolas Famílias Agrícolas do Tocantins. *Educação e Pesquisa*, 44, 1-17. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-4634201844166920>

Vommaro, P. (2011). Movilización social desde el protagonismo juvenil: experiencias de dos organizaciones rurales argentinas. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 1(9), 191-213.

Zago, N. (2016). Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. *Revista Brasileira de Educação*, 21(64), 61-78. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216404>

Weisheimer, N. (2005). *Juventudes rurais: mapa de estudos recentes*. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 27/01/2022
Aprovado em: 03/09/2022
Publicado em: 19/07/2023

Received on January 27th, 2022
Accepted on September 03th, 2022
Published on July, 19th, 2023

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

CNPq.

Funding

CNPq.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Pacheco, J. C. A., Ribeiro, L. P., & Antunes-Rocha, M. I. (2023). *Esse (dês)conhecido sujeito social: a produção acadêmica sobre a juventude das EFAs*. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 8, e13825. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e13825>

ABNT

PACHECO, J. C. A.; RIBEIRO, L. P.; ANTUNES-ROCHA, M. I. *Esse (dês)conhecido sujeito social: a produção acadêmica sobre a juventude das EFAs*. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 8, e13825, 2023. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e13825>